

A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. 4\$000 réis.

Numero pago á entrega. 5090

N.º 36 — VOL. II.

Sabado 4 de Setembro de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno. . . . 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte). . . 5\$000

Summary.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Galeria historica, continuação — O que tu és — A villa d'Almada — O passeio da Estrella — A capella de Nossa Senhora da Conceição em Braga — Lições para maridos, continuação — A villa e praça d'Almeida — Banhos.
GRAVURAS: — Luiz IX, rei de França — Capella de Nossa Senhora da Conceição em Braga — Brasões d'armas das villas d'Almada e Almeida — Cascata do passeio da Estrella.

Historia da actualidade.

Vae proceder-se á eleição de deputados para preenchimento das vacaturas da actual camara legislativa. Corre noticia de que pelo circulo do Porto são candidatos do governo, os senhores conselheiro Costa Lobo, e doutor Thomaz de Carvalho.

No theatro de D. Maria II vae ter logar uma representação em beneficio do asylo da infancia desvalida. A actriz Emilia das Neves pediu ao ministerio do reino uma portaria de autorisação para tomar parte n'esta representação.

Já se trata de escripturar em França a nova companhia que no proximo inverno tem de funcionar no café concerto.

Espera-se que no dia 16 do corrente mez haja recita extraordinaria no theatro de S. Carlos, em solemnisação do natalicio de sua magestade el-rei o Senhor D. Pedro V.

A camara municipal resolveu mudar para a rua dos Moiros, o chafariz que está no largo de S. Pedro d'Alcantara.

Brevemente sobe á scena no theatro do Gymnasio a celebre peça magica o — *Annel de Salomão*.

A *fera dos bosques*, traducção de uma comedia espectacular do theatro francez, está em ensaios para subir á scena no theatro das Variedades, no proximo mez de Outubro.

Chegou ao Tejo, na semana finda, uma esquadilha sarda, composta da fragata *Victor Manuel*, corveta *Aquila*, e brigue *Dario*, que vieram de Carthagera.

Acaba de morrer em Leão um avarento, que rodeado das maiores privações não gastava diariamente mais de trinta e cinco réis, e legou uma fortuna de quatrocentos contos de réis.

No dia 21 do mez passado a imperatriz de Austria deu á luz um menino.

Ha noticia de que as potencias europeas já concluíram os respectivos tratados com a China, admitindo-se no celeste imperio o exercicio da religião christã, e consulados em Pekin.

Para vingar os assassinios dos christãos com-

mettidos em Djeddah, foi o *Cyclops*, e ántinou o bombardeamento da cidade, se dentro em trinta e seis horas não justicássem os autores d'aquelle atentado. Bombardeou-se a cidade, e lançaram-se-lhe foguetes á congrêve. Por fim, na manhã de 6 d'Agosto executaram-se onze dos assassinos em frente da cidade e dos navios que estavam no porto. Quatro dos mais culpados foram enviados a Constantinopola para ahi serem justicados.

Assentou-se por um tratado entre a China e a Russia, que a margem esquerda do rio Amor forme de futuro a fronteira entre os dois imperios.

No dia 22 do mez passado devia sair o imperador da Russia para Moscow, e a 12 do corrente mez partirá para a Polonia para assistir ás grandes manobras do campo de Varsovia.

N'este acampamento figurarão em parada trinta a quarenta mil homens.

Receheu-se noticia em Inglaterra de que o brigadeiro Campbell morrera na India.



Luiz IX, rei de França.

— O imperador dos francezes, e sua esposa, já tinham regressado ao palacio de Saint-Cloud.

— Noticias do Porto dizem que esta cidade está ameaçada de escassez de cereaes, e que apenas existia ali em deposito trigo para dez dias.

— Na ilha Terceira solemnizou-se com *Te Deum*, parada, e baile na casa do governador, o consorcio de suas magestades.

— Por esta occasião, a associação commercial de Angra fez distribuir quinhentas e tantas esmolas de pão e carne aos pobres.

— O beneficio que houve quinta-feira da semana passada no Passeio Publico, em beneficio dos actores Bosquet, foi concorrido por oito mil pessoas.

— As nossas companhias de seguros concordaram adoptar todas o mesmo systema de classificar os navios para regular os seguros.

— Chegaram á alfandega do Porto algumas pipas de aguardante de beterraba para ensaio do nosso commercio.

— O governo hespanhol resolveu enviar para a ilha da Cuba mil e seiscentos homens de infantaria, duzentos de cavallaria, e outros tantos de artilharia.

— Em Inglaterra recrutam-se mil homens por semana para o exercito da India.

— O conselho de saude declarou suspeito da febre amarella o porto do Ferrol.

— Igualmente considerou limpo o porto de Gibraltar, por se ter resolvido ahi não admittir os navios procedentes d'Alexandria, e de qualquer porto da Syria, ou Malta.

— As ultimas noticias do Caucaso dão Schamyl perseguido tenazmente pela expedição commandada pelo general Wrangel.

— Não é exacto que Zuloaga tivesse abdicado no Mexico, mas nem por isso o seu governo está menos ameaçado que d'antes.

— Franqueou-se ao serviço do publico a linha telegraphica que se acaba de estabelecer entre Lisboa e Faro.

— Parece que d'esta vez se leva a effeito a expropriação do terreno entre o largo das Duas Egrejas, e a travessa dos Gatos, dando-se começo á demolição d'aquelles casebres no fim do corrente anno.

— Agora noticiam de Aveiro, que por causa de terem estado frescas as manhãs e as noites, e tambem por falta de aguas em tempo competente, a producção das marinhas, n'aquelle districto, não é tamanha como ao principio se suppozera.

— Nos sete mezes de Janeiro a Julho despacharam-se no Porto, para exportação, nove mil quatrocentas noventa e uma pipas de vinho para

exportação. Depois d'esta data tem continuado o mercado em apathia.

— Os hebreus residentes em Angra reuniram-se na sua synagoga, e deram sollemnes graças pelo consorcio d'el-rei de Portugal, implorando as bençãos do ceo para toda a familia real.

— Chegou ao Tejo o *Acoriano*, novo barco da companhia *União Mercantil*. Saiu de Leith, onde se construiu, na terça-feira 24 do passado, ás seis horas da tarde; chegou a Downs em trinta e cinco horas, e d'ahi para Lisboa veiu sempre deitando mais de doze milhas por hora.

— O nosso lente de botânica na escola polytechnica, o senhor J. A. Corvo, foi honrado com o diploma de socio correspondente em Portugal da sociedade imperial de agricultura de Vienna d'Austria.

— O senhor doutor Levy Maria Jordão partiu á sua custa para a Belgica, afim de assistir ao congresso sobre propriedade litteraria, que ali se vae reunir. Este jurisconsulto tinha sido consultado pela presidencia do mesmo congresso, e já havia mandado imprimir a sua resposta para ser presente nas sessões que se abrem no corrente mez.

— As festas da Atalaya estiveram este anno tão concorridas como não ha memoria ha muito tempo. Foram treze os cirios; houve ladainha a cada imagem, musica, e dez sermões.

— A alfandega do Rio de Janeiro rendeu no mez de Julho, 1.561:328\$347 réis.

— O consulado da mesma cidade rendeu no referido periodo, 216:109\$225 réis.

— A casa da moeda, do dito imperio, cunhou, tambem no mez de Julho, 76:100\$000 réis de ouro e prata por conta do estado, e por conta dos particulares 27:179\$575 réis.

— No acampamento de Basano (reino lombardo-veneziano) um regimento de bohemios, e outro de italianos e húngaros, por causa de rivalidades, andaram aos tiros uns aos outros, disparando pedras, á falta de balas. Houve mortes e ferimentos.

— Vieram para ser presentes ao governo portuguez as plantas do caminho de ferro de Vigo ao Porto. O principal interessado n'esta empresa é o conde de Reus.

— O senhor Manuel José Machado, negociante de largo trato na praça de Lisboa, vae estabelecer desde os fundamentos, no logar de Asuella, freguezia da Cerva, concelho da Ribeira da Pena, districto de Villa Real, terra da sua naturalidade, uma escola de instrucção primaria para ambos os sexos. Dota-a com o fundo de 6:000\$000 réis, em inscripções, com averbamento dos juros para a manutenção da dita escola. Obteve um honroso decreto para legalisar e dar todas as condições de estabilidade a esta sua fundação.

— A subscripção promovida entre a classe commercial para solemnizar o consorcio de suas magestades, produziu 8:908\$500 réis em dinheiro, e 2:200\$000 réis em titulos de divida fundada. O governo ainda não destinou applicação a esta somma.

— O imperador dos francezes, na excursão que acaba de fazer pela Bretanha, deu 400:000 mil francos para a construcção de uma igreja em Napoleonville.

— Actualmente ha na Prussia quinhentas oitenta e tres milhas de caminhos de ferro em exploração. O capital invertido n'estas linhas é de 225.204:526 thalers.

— Vae estabelecer-se, por conta da camara municipal de Lisboa, uma escola de instrucção primaria na real casa de Santo Antonio, dando-se ao professor o ordenado annual de 240\$000 réis.

— A camara municipal de Braga pediu a sua demissão por não ter sido autorizada a lançar alguns tributos que julga indispensaveis para equilibrar o deficit do seu orçamento, e emprehender os necessarios melhoramentos no municipio.

— Corre noticia nos altos circulos inglezes que lord Palmerston finalmente se retira da vida politica, em consequencia de se lhe ter aggravado o seu estado de surdez.

— Parece que a agitação dos operarios agricolas, que teve logar em Kilkenny, por causa da introdução de machinas nos trabalhos da lavoura, se tem propagado rapidamente por todo o paiz.

— Em Smyrna, por causa das desordens que tem havido entre christãos e musulmanos, adoptaram-se medidas excepcionaes. A Syria e o Egypto continuam porém sem alteração.

Galeria historica.

Continuação.

LUIZ IX (S. LUIZ) REI DE FRANÇA.

Em mais de metade do anno de 1244 acharam-se os christãos na Palestina seriamente ameaçados pelos infieis, cuja força parecia augmentar com a guerra que lhes faziam.

Os gemidos dos fieis da Terra Santa ecoavam pela vastidão do Occidente de modo que principiavam a aterrar a christandade! Mas já de ha muito lá iam os tempos, que tanto enthusiasmo tinham accendido, como santo amor despertado pela religião de Christo. Correndo de castello em castello, a nova de tão grandes desastres, já não excitava o animo dos senhores, nem aguçava a cubiça dos vassallos; tanto aquellos como estes tinham aprendido pelo exemplo d'outras eras que não era a cruzada o sonhado manancial de riquezas; mas de gloria, que só á custa de muitos trabalhos era ganha, trazendo consigo a pobreza.

O Occidente limitava-se a deplorar os seus irmãos do Oriente: não se levantava já para socorrer-os.

A mão de Deus, porém, levantou então das bordas da sepultura um homem, que devia outra vez accender o facho da guerra contra os infieis, e dar á christandade novo exemplo d'amor e dedicação á lei do Crucificado! Luiz ix, rei de França, conalescendo de uma doença que fôra reputada mortal pelos tentados, empregou as suas primeiras palavras em pedir a cruz, e annunciar nova cruzada á Terra Santa.

Em vão sua mãe, D. Branca de Castella, e todos os grandes, lhe supplicaram que não fosse, no estado em que se achava, expor a trabalhos superiores ás forças, dias que tão preciosos deviam ser para a nação: porque o piedoso monarcha, inspirado pela idéa sublime de consumir no serviço de Deus esses dias que só Deus lhe tinha conservado, mandou annunciar por todo o reino a sua proxima partida para a Terra Santa, convidando os potentados a segui-lo. E para ligar maior interesse e solemnidade áquella nova cruzada, convocou em Paris todos os principes, prelados, e principaes barões do reino, excitando-os de tal modo, pelo exemplo que lhes offereceu de dedicação á gloria de Deus, e da nação, que ao cavalleiresco brado do joven monarcha depressa responderam os gritos, e entusiasticos applausos da primeira nobreza franceza.

Tres principes de sangue—os condes d'Artois, e Poitiers, e o duque d'Anjou, irmãos do rei—foram os primeiros a tomar a cruz; e ao exemplo d'elles, o santo signal da redempção foi adoptado pelos principaes vassallos da corôa franceza.

Luiz ix occupava-se constantemente dos preparativos para a expedição. Comprou o territorio d'*Aigues-Mortes* na Provença; mandou limpar aquelle porto das arêas que o obstruam, e edificar uma cidade destinada a receber as cohortes de peregrinos que de todos os lados corriam a incorporar-se na cruzada.

O ruido de taes preparativos não tardou a impressionar os principes musulmanos da Palestina: tanto elles temerem, no meio das suas conquistas, o braço do novo heroe christão, que a morte d'este, segundo affirmam alguns chronistas, foi para logo decretada nos conselhos do *Velho da montanha*.

Entretanto já tinham passado tres annos desde que Luiz ix tomara a cruz. Reuniu em Paris outro parlamento, e marcou o dia da partida no mez de Junho de 1248.

Dizem que as verdadeiras vistas do rei, convocando esse parlamento, foram obter dos grandes do reino o juramento solemne de preito e vassallagem á sua successão e de collocar no throno seu filho mais velho, se elle perdesse a vida na santa contenda que ia emprehender.

O exemplo dos chefes da cruzada arrastou a mocidade franceza, na qual havia muitos a quem não permittia ainda a idade supportar o peso das armas. Accrescentam os chronistas que muitos castellos e fortalezas, ficando abandonados, em breve começaram a cobrir-se de musgo, e a cair em ruínas: que era um spectaculo pungente ver as familias dos camponeses e dos obreiros conduzirem seus filhos aos barões e cavalleiros, pedindo-lhes que lhes servissem de pae lá pelos perigos da guerra, protegendo-os contra a inexperiencia dos trabalhos a que os entregavam pela gloria e o amor de Deus; e que os barões commovidos, prestando o juramento exigido, votavam ao despreso, e á colera de Deus, o primeiro que a elles faltasse em relação aos pupilos que lhes confiavam.

No dia 25 d'Agosto de 1248 embarcou o rei para *Aigues-Mortes*, com seus irmãos, e a rainha Margarida, que preferiu expor-se aos perigos da peregrinação a ficar em Paris; e ao som do *Veni Creator*, entoado pelos marinheiros, fez-se a frota de vela, em presença de milhares d'espectadores.

De todos os christãos, com quem os infieis tinham provado o valor, os que mais temiam eram os francezes: por isso dobraram immediatamente as fortificações do Egypto e de Damietta, que deviam ser theatro das primeiras hostilidades.

Depois de largar da ilha de Chypre, a armada navegou com effeito para Damietta; e ao cabo do quarto dia, ouviu-se a voz do piloto exclamando: *Gloria in excelsis! Deus nos ajude! eis-nos á vista de Damietta*. Estas palavras retiniram de navio em navio; e logo, fundeando, os chefes das diferentes cohortes foram abordo da galera real, onde Luiz ix, radiante d'enthusiasmo, lhes fallou assim:

«Cavalleiros, não penseis que a vida do estado e da igreja reside em mim. Eu apenas quero consi-

derar-me um homem vulgar, cuja existencia pode de um instante a outro apagar-se tão facilmente como a de qualquer soldado; e por isso desejo combater sem mais distincção entre as vossas fileiras, que primeiro mostrarem o rosto ao inimigo.»

Este discurso, em que o poderoso rei se comparava a um obscuro soldado, ainda mais excitou o enthusiasmo nos seus vassallos, que se abraçaram loucos d'alegria, pedindo em altos brados o combate.

A armada, em linha de batalha, estava a um quarto de legua da costa, e segundo diz Joinville, occupava duas milhas d'extensão, offerecendo milhares de bandeiras á vista do infiel, que tremia só de vê-las!

A esquadra musulmana, cheia de soldados e de machinas, defendia a embocadura do Nilo: seu chefe *Fakreddin*, sumptuosamente vestido de cota de malha d'ouro fino, distinguia-se pelo brilho das armas no centro dos seus guerreiros.

Os christãos embarcaram em lanchas, e formaram uma linha regular, avançando contra o inimigo. Luiz ix occupava o flanco direito, acompanhado pelos principes seus irmãos, e pela flor dos barões.

No flanco esquerdo ia o conde de Jaffa, demandando a barra do Nilo. O centro da linha era sustentado pelos esforçados Erard de Brienne e Balduino de Reims, a cujas ordens estava o senhor de Joinville.

Logo que chegaram a alcance, cruzaram-se no espaço duas nuvens de setas, que deixaram apoz si gritos e gemidos. As lanchas saltavam sobre as ondas, e quando chegaram a vau, o rei, armado até aos dentes, com o escudo sobre o peito, e a espada em punho, precipitou-se na praia, entre as turbas dos musulmanos, secundado pela flor da nobreza franceza, levando atraz de si longas fileiras de novos guerreiros.

Travou-se o combate ao grito de *Montjoie-Saint-Denis!*

Apenas a cavallaria desembarcou, os musulmanos tiveram de recuar em frente d'esses temiveis esquadões, que a toda a brida passavam como raio destruidor! No fim do dia, Damietta estava em poder dos christãos.

Depois d'esta victoria, era preciso continuar; mas Luiz ix determinou esperar ali seu irmão, o conde de Poitiers, que devia ter embarcado, pouco depois da expedição, á frente do resto das forças francezas. Infelizmente esta demora, na opinião de alguns chronistas distinctos, teve parte nas

grandes desgraças que principiaram a contrariar os resultados d'aquella cruzada.

O príncipe chegou a Damietta no meado de Outubro de 1249. A sua presença reanimou os guerreiros; e em breve se decidiu o progresso da jornada, que devia ter por fim o cerco de Alexandria; mas o impetuoso príncipe, a quem o animo sobrava para grandes empresas, de tal arte foi por elle inflamado, que a força de eloquencia conseguiu transtornar os planos, aliás sensatos, de quem tinha mais experiencia da guerra.

«Senhores, dizia elle, para matar a serpente é preciso esmagar-lhe a cabeça! Em quanto o Cairo estiver de pé, os infieis hão de dar-nos que fazer. Destruamos-lhes pois aquella grande capital, e veremos se lhe não diminuem as forças!»

O rei era moço e impetuoso: applaudiu seu irmão, e o exercito poz-se em marcha contra a capital do Egypto.

O exercito chegou, a 19 de Dezembro, ás proximidades do canal d'Aschmoun-Thenac, onde principiou a assentar campo, e a construir intrincheamentos, no intuito de conservar aquella posição como centro de todas as operações; mas, apenas o inimigo lhe adivinhou as intenções, atacou-o vigorosamente pela retaguarda, e repelliu-o até ao rio, onde os christãos tentaram ainda crear posição.

Cada dia novos combates e novos damnos. Os inimigos destruíram-lhe as fortificações apenas levantadas, incendiando-lhas com fogos artificiaes que lhes lançavam por meio de compressão em tubos de metal.

Continua.

O que tu és.

Não és mulher; és um anjo,
Um cherubim, um archanjo,
Que brilha, encanta, seduz;
Es um segredo, um mysterio,
Um myrto, um sylpho aërio,
Que no espaço reluz!

Es a nota perfumada
De poesia inspirada
Da lyra do trovador;
Es a aura bulicosa,
Travessa, e caprichosa,
Que salta de flor em flor!

Es o lyrio d'innocencia,
Que resume a essencia
D'esta vida, d'este amor;
Es a candida bonina,
Que se curva, e se inclina
Ao peso de acerba dôr!

Tu és um astro do ceo
Livre de nuvens — sem veio,
De porte aëreo — divino;
Es o oasis do deserto
Sempre prompto, sempre certo
A dar vida ao peregrino!

Nascestes pura, singela,
Meiga, phantastica, e bella
Como um sonho encantador;
Es a nuvem côr de rosa,
Leve, grave, vaporosa
Sob o ceo do equador!

Da terra da Santa Cruz
Es gloria, encanto, e luz;
Es a fada mais gentil;
Es araponga fagueira
A cantar junto a lareira
Nas bellas manhãs d'Abril!

Exulta, querida, exulta,
Que a nevoa que além avulta
Não te vem toldar a fronte;
A estrellinha brilhante,
Nívea, pura, coruscante
E' livre todo o horizonte!

Quando ruga a tempestade
No seio da immensidade,
Por entre as sombras da noite
Vem livre fugaz santelmo,
Que serve d'escudo, e elmo
A' furia d'aquelle açoite!

Creio em ti, e sou forte,
Zombo da sanha da sorte,
Dos mortaes zombo tambem;
Se volves teus meigos lumes,
Furia dos homens, dos nubes
D'encontro quebrar-lhes vem!

Revoltem-se os elementos,
Escutados dos tormentos,
Contra mim, na immensidade;
Guiado por ti meu anjo,
Meu cherubim, meu archanjo,
Não receio a tempestade!

Lisboa — 1857.

J. J. MENDES CAVALLEIRO.

A villa d'Almada.

É sabido que el-rei D. Afonso Henriques foi auxiliado na sua grande empresa da tomada de Lisboa em 1147 por uma armada de cruzados, que aportara ao Tejo. Além dos ricos despojos da victoria, que repartiu com elles, como príncipe generoso e bom politico, offereceu aos que quizessem ficar no paiz terras para cultivar e povoar, pois era esta uma das necessidades, que mais urgiam, na monarchia nascente.

Houve muito quem accettesse a offerta, que o monarcha tratou immediatamente de realisar; e como os cruzados pertencessem a diversas nações, bem como os que se resolveram a estabelecer-se em Portugal, foram destinadas para cada nacionalidade terras completamente separadas, e distantes umas das outras. Aos inglezes, sem duvida por serem em maior numero, coube maior extensão de territorio em diferentes localidades. Uma d'estas foi o elevado monte em frente de Lisboa, aonde fundaram a villa d'Almada.

Até aqui quasi todos os autores são concordes; agora porém no que discordam muito é na etymologia do nome d'esta povoação.

Segundo uns deriva-se por corrupção de Vimadel, nome que os primeiros fundadores lhe deram, e que dizem significar — *povoação de muitos*. Conforme a opinião de outros, era Almada o nome de um dos principaes inglezes, que a edificaram. Quem alguns, que antes da tomada de Lisboa já ali existia uma pequena povoação de moiros, os quaes a retomaram aos inglezes, e que ao diante a conquistara de novo um descendente d'estes ultimos, que tinha o appellido de Almada, nome que desde então passou á villa.

A opinião, que nos parece mais bem fundada, é a que vemos menos seguida pelos nossos antiquarios, e vem a ser, que Almada era uma povoação de origem arabe, chamada pelos moiros *Al Madan*, e que inteiramente destruida na occasião da conquista pelas armas christãs, foi pelos inglezes reedificada, e povoada, conservando-lhe o nome, que com pouca differença tem actualmente.

El-rei D. Sancho deu-lhe foral, e fez doação d'ella aos cavalleiros de Santiago pelos annos de 1187. El-rei D. Diniz incorporou-a na corôa, dando em troca aos cavalleiros as villas de Almodovar, e Ourique, e os castellos de Marachique e Aljesur.

Nos tempos antigos não foi esta villa theatro de acontecimentos notaveis, a não se contar como tal o patriotico despeito de Manuel de Sousa Coutinho (*), que lançou fogo, e reduziu a cinzas a sua casa, em que então residia, quando por occasião da peste, que affligiu Lisboa no anno de 1599, os governadores do reino por Philippe II de Hespanha, querendo refugiar-se n'aquella villa, e per-

tendendo morar nas ditas casas, o intimaram para despejo.

Em nosso tempo, durante a lucta da liberdade, teve logar nas vizinhanças de Almada uma das mais sanguinolentas batalhas, que se deram em toda aquella guerra fratricida; a qual começando no sitio chamado a Piedade, e vindo acabar em Cacilhas (23 de Julho de 1833), decidiu da sorte de Lisboa, que no dia seguinte abriu suas portas ao exercito constitucional commandado pelo marechal duque da Terceira.

Está edificada a villa d'Almada em sitio plano na corôa de um monte bastante elevado e fragoso, que para o lado do sul tem suaves declives, e para a parte do norte é cortado quasi a prumo, excavando-lhe a base as ondas do Tejo.

Não conserva esta povoação padrão algum da sua antiguidade, mais do que tradição e memorias. Do castello, que os inglezes ali levantaram no seculo XII, não restam vestigios. Os muros e baterias do actual são de moderna data. Se alguma coisa n'elles se encerra da fabrica primitiva, as reedificações a occultaram.

A egreja parochial de Nossa Senhora da Assumpção, conhecida pela invocação popular de Santa Maria do Castello, em razão da sua situação, foi reconstruida no seculo passado; e o mesmo aconteceu á outra parochia de Santiago, que foi reedificada inteiramente no primeiro quartel d'aquello seculo pelo infante D. Antonio, irmão d'el-rei D. João V.

A egreja da misericórdia é a mais antiga em edificio. Foi fundada no seculo XVI no hospital de Santa Maria, que lhe ficou pertencendo, com as suas rendas, o qual fôra obra da caridade da infanta D. Beatriz, mãe d'el-rei D. Manuel.

Proximo da villa, para o occidente, em terreno igualmente alto, e sobranceiro ao Tejo, está o convento de S. Paulo, da extincta ordem dominicana, que foi fundação de frei Francisco Foreiro, confessor dos reis D. João III e D. Sebastião, no anno de 1569.

O edificio acha-se bastante arruinado. Junto d'elle está o cemiterio publico.

A casa da camara é um edificio de architectura regular, e soffrivel apparencia, com sua torre de relógio, que domina toda a villa.

Do pequeno passeio, modernamente plantado de arvoredo junto ás muralhas do castello para o poente, e a cavalleiro da praia, goza-se de um dos mais bellos e variados panoramas, que o viajante pode encontrar. A perspectiva de Lisboa com os seus formosos arrabaldes da beira mar; a poetica serra de Cintra, e outras cordilheiras de montes, que fazem um como caixilho aos suburbios do norte da capital; o seu amplissimo porto, esse rio, quasi mar, orlado de tantas povoações mais ou menos pittorescas, mas todas resplandecentes d'alvura, que n'elle se veem espelhar; enfim a larga foz do Tejo com suas nobres atalaias, e depois a immensa vastidão do oceano, tudo isto forma o painel encantador, e verdadeiramente maravilhoso, que d'aquellas alturas se desfructa.

Na encosta do monte em que está sentada a villa d'Almada, e perto da praia, onde o rio lhe faz um pequeno porto, existe uma fonte de muito boa e abundantissima agua, chamada — a fonte da Pipa, da qual se sobe para a villa por uma espaçosa calçada. E' d'esta fonte que os navios, que entram no porto de Lisboa, se costumam fornecer. Em annos de grande secca, e no de 1833 durante o cerco, que poz á capital o exercito realista, foi esta cidade abastecida pelas aguas d'aquella fonte, que transportadas em barcas vinham fornecer chafarizes portateis, que se collocavam nos caes principaes.

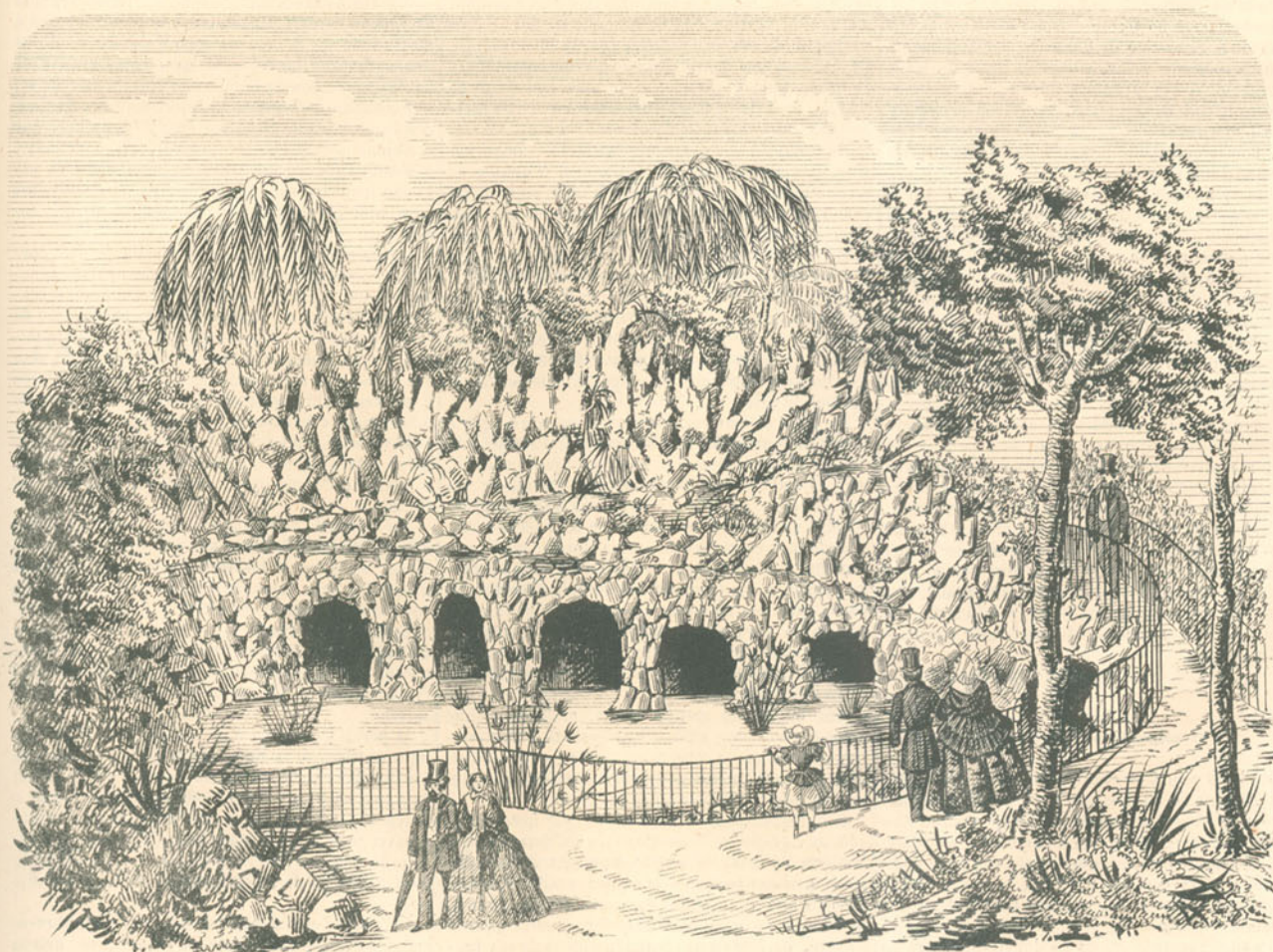
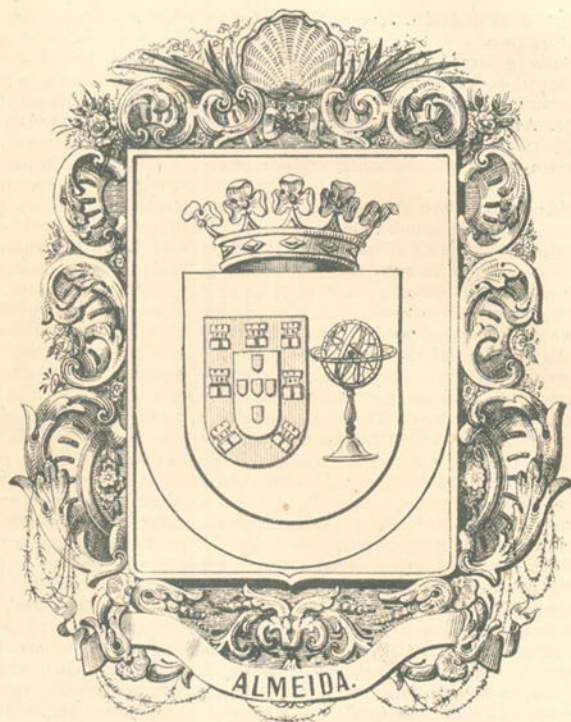
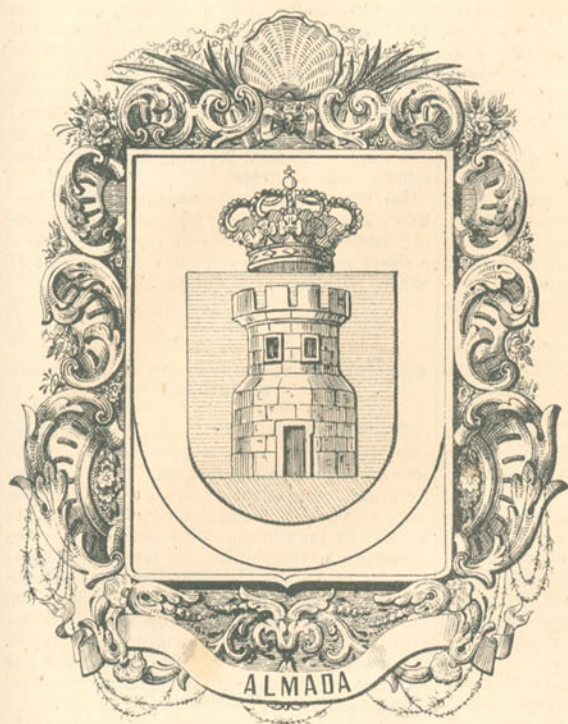
Segundo a opinião do distincto medico, o doutor Francisco da Fonseca Henriques, no seu *Aquilegio Medicinal*, a agua da fonte do Alente, proximo d'Almada, é de muita utilidade nos padecimentos de dôr de pedra, e arêas de hexiga.

Nos arredores da villa ha muitas e bonitas quintas, e varias ermidas. D'estas mencionaremos a de Nossa Senhora da Piedade, situada em logar baixo e ao sul da villa n'um espaçossimo terreiro, guarnecido de casas, muito concorrido no verão da gente de Lisboa, e aonde se fazem vistosas festas d'arrayal, corridas de toiros, e uma feira de

(*) O que mais tarde, pelas desgraças que lhe sobrevieram, se recolheu e professou no convento de S. Domingos de Bemfica, onde tomou o tão conhecido e popular nome de frei Luiz de Sousa.



Capella de N. Senhora da Conceição na Cidade de Braga.



Cascata no passeio da estrella.

tres dias em 23 de Julho. Teve esta ermida o seguinte principio.

Correndo o meado do seculo xvi, um homem d'aquelles sitios descobriu uma imagem de S. Simão em umas barrocas, que logo tomaram o nome do santo. Aquelle conseguiu por meio d'escolas edificar a pouca distancia das ditas barrocas uma ermida em que collocou o santo, e fez-se ermida.

Passado algum tempo appareceu em sonhos ao ermitão uma Nossa Senhora da Piedade; o que fez com que elle andasse de diligencia em diligencia a ver se descobria a imagem com que sonhara, até que a encontrou em uma casa da sé de Lisboa. Cheio de contentamento não poupo esforços para que lh'a concedessem; e assim que a obteve levou-a para a ermida de S. Simão, onde lhe fez uma grande funcção. Principiou logo a ser tão procurada dos fieis, e cresceu tanto a devoção com os milagres, que se attribuiam á Senhora da Piedade, que em breve com as avultadas esmolos que se recolhiam no cofre da Senhora, se construiu no mesmo local outra melhor ermida, e junto d'ella um recolhimento, ficando tudo desde então sob a invocação da mesma Senhora. No seculo passado ainda ali haviam quatro recolhidas, e uma regente. Actualmente só existe a ermida, que é um santuario de muita devoção para os povos d'aquellas cercanias.

D'entre as quintas mais notaveis do termo d'Almada, faremos unicamente menção das duas que pertencem á familia real: a do *Alfite*, que é da corôa, com jardim e grande matta abundante de caça, e agora aformoseada com um lindo palacio de campo, no gosto inglez, mandado edificar por el-rei o Senhor D. Pedro v: a d'*Amora*, que foi da princeza D. Maria Benedicta, irmã da rainha D. Maria i, e hoje pertencente a senhora infanta D. Isabel Maria. É curiosa pelo vastissimo lago, que possui, cercado de bosque, e com uma ilha arborizada no centro.

Tambem está no termo d'esta villa a antiga fortaleza de S. Sebastião de Caparica, communmente chamada — *Torre Velha*, e que ao presente serve de lazareto. A sua primeira fundação data de D. João ii. El-rei D. Sebastião reedificou-a, e deu-lhe o nome actual. Fica em frente da torre de Belem, com a qual pode armar fogo da sua bateria quasi ao lume d'agua.

O lugar de Cacilhas, na raiz do monte d'Almada, é o porto d'aquella villa. Tem um bello caes de cantaria guarnecido de assentos, e no fim d'elle um pequeno forte.

A villa d'Almada conta uns quatro mil e quinhentos habitantes. Teve esta villa no antigo regimem voto em côrtes com assento no banco sexto.

As festas religiosas e populares, que outr'ora ali se faziam pelo S. João, tinham nomeada pelo seu apparato e magnificencia, e eram curiosas pela singularidade de alguns costumes e antigualhas, que appareciam na precissão e nas cavalhadas. N'esses tempos despovoava-se Lisboa para ir assistir a essas funcções. De ha trinta annos para cá tem caminhado em tal decadencia, que presentemente são uma pequena sombra do que foram.

Falleceu na villa d'Almada, e n'ella está sepultado o nosso distincto escriptor, autor do poema epico — *Chanteiros*, em que se descreve a conquista de Chaul, Diogo de Paiva d'Andrade, sobrinho de outro do mesmo nome, se não mais, não menos celebre, e filho do chronista-mór Francisco d'Andrade.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O passeio da Estrella.

Em 1849 ainda se erguia em frente da magestosa basilica do Santissimo Coração de Jesus, um tosco e miseravel anteparo de taboas velhas, que separava do largo da igreja umas terras lavradas, que, tomando todo o espaço entre a rua de S. Bernardo, e a travessa dos Ladrões, hoje rua da Estrella, iam entestar com o muro do cemiterio dos ingleses.

No anno seguinte graças ao donativo de quatro contos de réis, offercido por um nosso compatriota, residente no Rio de Janeiro, para ser ap-

plificado a alguma obra de utilidade publica em Lisboa, á escolha da soberana, e graças tambem ao senhor conde de Thomar, então presidente do conselho de ministros, que aconselhou sua magestade, deu-se principio aos trabalhos, que transformaram aquelle local no mais ameno, formoso, e pittoresco passeio da capital.

Em 1855 concluíram-se as obras, que devem igualmente muito, tanto na rapidez do seu andamento, como no seu maior desinvolvimento, á solicitude do fallecido conselheiro d'estado Rodrigo da Fonseca Magalhães, durante os quatro annos, que presidiu ao ministerio do reino, dando assim o exemplo patriótico, tão raro entre nós, de continuar um ministerio com o mesmo fervor e zelo uma obra começada pelo seu antecessor.

A planta do jardim foi feita por mr. Bonald, jardineiro da real quinta das Necessidades. No tracçado das ruas, na plantação do arvoredo, na distribuição das flores, na collocação e forma dos lagos, no bom partido que tirou dos accidentes do terreno, enfim, na concepção do desenho, e na direcção d'estes trabalhos mostrou mr. Bonald muita intelligencia e gosto artistico.

Em o numero antecedente demos em estampa a frente e principal entrada d'este passeio, a qual guarnece todo o largo, que se estende por diante da igreja e convento do Santissimo Coração de Jesus. Pelos lados das ruas de S. Bernardo e da Estrella cercam o passeio grades de ferro eguaes ás da frente, com duas portas para as ditas ruas.

Os lagos são quatro; tres mui grandes, de formas pittorescas, com as margens alcatifadas de verdura, e sombreadas de bellas arvores, e elegantes arbustos. Do centro de um dos lagos, que é o maior, ergue-se uma formosa ilha coberta de chorões e rosas, com sua cercadura de rochas, por onde descem, trepam, e se enlaçam variadas plantas trepadeiras.

Da terra, que se extrahiui dos fossos para a fabrica d'estes lagos, se fez, proximo d'este ultimo, um monte, vestido todo de perenne verdor, e com suave subida em torno d'elle, orlada de arvoredo. Da corôa d'este monte gosa-se a vista encantadora de quasi todo o passeio, e de uma boa parte da cidade, do Tejo, e das serras e povoações da margem do sul.

No meio do passeio aproveitaram-se umas rochas que ali se acharam, para com o auxilio da arte se fazer uma cascata com seu lago, cujas aguas penetram no interior da rocha, entrando por uma galeria de arcadas, que imitam bem grutas naturaes. A estampa junta representa esta cascata, a que faz cerco e corôa muito e variado arvoredo.

Na parte superior da cascata, e a pouca distancia d'ella, levanta-se um pavilhão circular, algum tanto no estylo da architectura chineza, o qual serve de coreto á banda militar de musica, que ali costuma tocar nos domingos e dias santificados ou de gala.

No topo do passeio, encostado ao muro, que o separa da quinta do senhor conde de Paraty, o do cemiterio dos ingleses, avulta um elegante edificio, todo construido de boa cantaria. Divide-se em tres corpos: os lateraes são duas galerias guarnecidas de assentos no interior, e cujo tecto é sustentado por columnas de ordem dorica, tendo por cima um terrado cingido de grades de ferro: o corpo central é um pavilhão bastantemente mais elevado, que tem no andar superior um bello salão com saída para os dois terrados, e com tres largas janellas para o passeio. As galerias são para uso e abrigo do publico; a sala do pavilhão para a familia real.

Um engraçado *cottage suizo*, meio escondido entre o arvoredo; uma esbelta casa de fresco, vestida de cortiça, e coberta de colmo; e uma estufa bem povoada de bonitas plantas exóticas, completam os adornos d'este lindo passeio.

É chamado passeio da Estrella por ficar contiguo ao collegio de Nossa Senhora da Estrella, que tambem dá á basilica do Santissimo Coração de Jesus o nome porque é mais conhecida do vulgo. E visto que na estampa da frente d'este passeio, publicada em o numero anterior, avulta aquelle edificio, daremos uma resumida noticia da sua fundação, e situação.

Foi fundado o collegio de Nossa Senhora da Es-

trella no anno de 1571, e pertenceu aos monges de S. Bento, sendo o primeiro convento que esta ordem teve em Lisboa. Depois da extincção das ordens religiosas estabeleceu-se n'elle, e ainda ali se conserva, o hospital militar.

A frente principal deita para uma alameda, fechada com tres portões de ferro. A frente do sul cae sobre a rua de S. Bernardo, e as outras duas sobre o passeio visinho.

Em 1598 achava-se este convento ainda tão isolado e distante da cidade, que os frades resolveram fundar outro convento mais perto de Lisboa, e n'esse anno deram principio ao de S. Bento da Saude, actualmente palacio das côrtes.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A capella de Nossa Senhora da Conceição em Braga.

Em breve, graças á facilidade das communicações, não haverá entre nós quem não conheça por seus proprios olhos essa formosa cidade, que, com justa razão, se ensoberbece do seu titulo de primaz entre todas as sedes episcopaes das Hespanhas. As bellezas da sua situação, a grandeza dos seus monumentos, a venerabilidade de tantos santuarios, e enfim os encantos e amenidade de tão pittorescos arrabaldes, hão de vir a fazer de Braga um lugar de romaria geral para todos os portuguezes, assim como o fazem já para a maior parte dos habitantes das provincias do norte, e para todos os estrangeiros, que chegam a qualquer porto da provincia do Minho.

Entretanto, aos nossos assignantes, que nunca a visitaram, trataremos de lhes excitar o desejo de a conhecerem de perto, apresentando-lhes aqui copias exactas dos seus melhores monumentos. Esse de que nos vamos occupar, se não é dos mais grandiosos, é sem duvida um dos mais lindos e elegantes.

A gothica e tão singular capella de Nossa Senhora da Conceição está situada junto á parochial igreja de S. João do Souto, no topo de uma rua d'este nome, ficando-lhe defronte, na outra extremidade da rua, as costas da sumptuosa capella-mór da sé.

Foi fundada a capella de Nossa Senhora da Conceição no anno de 1512 por João de Coimbra, que era então provisor do arcebispo D. Diogo de Sousa, e á qual annexou um morgado, que por essa occasião instituiu com o rendimento, avultadissimo para aquelles tempos, de quinhentos mil réis annuaes.

Compõe-se o edificio d'esta capella de dois corpos. O principal é uma torre quadrangular, ornada de estatuas sobre penhas, e debaixo de arrendados baldaquinos, tendo por corôa um telhado de forma pyramidal, guarnecido de ameias, e biqueiras, e que remata em uma esphera armilar, com sua grimpia, e cruz, tudo de ferro. O outro corpo é um vestibulo sustentado em columnas, coroado de estatuas, e fechado com portas e grades de ferro.

Divide-se a torre em dois pavimentos. No de baixo está a capella; e no alto esteve algum tempo o archivo do morgado, instituido pelo referido Coimbra.

No vestibulo vê-se aquella extravagante alliança do sagrado com o fabuloso, que tanto avulta em todos, ou quasi todos os monumentos religiosos d'aquellas eras. Emquanto pois sobre a frente do vestibulo se erguem as estatuas de Santo Antão, abade, e de S. Paulo, primeiro ermita, esta junto de um leão, e aquella, que teve ao pé de si um corvo, que já ali não existe; campeiam sobre as faces lateraes as figuras de um centauro e de um satyro!

O portal da capella é de archivolta toda lavrada de arabescos, e as duas meias portas de madeira são de talha relevada com mui variados feitos. Tem esta capella dois altares, um defronte da porta, e outro á direita de quem ali entra. Este é muito notavel pelo seu retabolo, todo de pedra, guarnecido de duas columnas torcidas, e representando muitas figuras de anjos e outros ornatos em alto relevo.

Defronte d'este altar, que é o principal, abre-se em toda a largura da parede um grande arco, orlado de uma renda de pedra mui bem esculpida, com sua grade e porta de ferro, o qual dá communi-

cação para a igreja de S. João do Souto, cuja frontaria também se vê na estampa, que damos n'este numero.

A abobada da capella é de laçaria de pedra, muito bem fabricada, e perfeitamente conservada.

As grades e porta de ferro do vestibulo são ainda as da primitiva fabrica, e merecem attenção pela sua originalidade.

A parochia de S. João do Souto é antiquissima. O seu primeiro assento foi dentro do castello da cidade; depois achando-se o seu templo bastante arruinado, edificou-lhe o arcebispo D. Diogo de Sousa no começo do seculo xvi nova igreja no sitio em que ao presente se acha. Porém a actual pouco ou nada conserva da fundação d'aquelle prelado, tão magnifico em todas as obras com que adornou a sua cidade primacial.

Na reedificação, que teve logar no seculo passado, perdeu a igreja de S. João do Souto todos os floridos ornamentos com que a enriquecera a architectura gothica na epoca em que mais prodigamente os liberalisava.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Lições para maridos

COMEDIA EM TRES ACTOS

IMITADA DE VERSO HESPAÑHOL.

Continuação.

ACTO II.

SCENA IX.

LUIZA, SÓ

Eis-me mettida n'uma intriga... mas as minhas intenções são boas. D. Luciano é homem de idade madura, não é casado, nem tem filhos... De mais a mais, parece que o dinheiro lhe não cabe nos cofres... Veremos se este episodio de paixão financeira, tem o condão de salvar dois casados. Emilia está desesperada... D. Frederico não é tolo... E as feridas do amor proprio desvairam os mais sensatos espiritos...

SCENA X.

LUIZA, CONDESSA, CARLOTA, GENERAL.

CONDESSA.

Já chegou a tua formosa hospeda?

LUIZA.

Oh! minha joia! (*beijam-se*) Como, general, chegas tão tarde ao baile?

GENERAL.

Estive com o ministro, que me demorou, falando-me de diversos negocios.

CONDESSA.

Deixe-se agora de coisas serias, e venha para a sala. D. Carlota, acompanhe-me.

GENERAL.

Vamos.

CONDESSA.

Pois o general ainda dança?

GENERAL.

Eu, um velho, um veterano! E a minha gottá?

CONDESSA.

E' verdade, andando entre tanta gente, podia acontecer-lhe algum mal.

GENERAL.

Sempre heide achar um cantinho aonde me possa metter.

CONDESSA.

Lá o espaço é pouco para os pares.

GENERAL.

(*Áparte*) Os diabos levem o baile!

CONDESSA.

Nas outras salas encontrará v. ex.^a parceiros para jogar, periodicos para ler, e bom fogão para se aquecer. Carlota de certo deseja dançar.

GENERAL.

(*Com pouca vontade*) Assim me parece.

CONDESSA.

É justo que mostre a sua gentileza.

GENERAL.

E ficarei então condemnado ao divorcio?

CONDESSA.

Por pouco tempo. Agora pertence-me, Carlota. Não lhe deve custar ceder por alguns momentos o monopolio conjugal.

GENERAL.

Minha senhora!

CONDESSA.

Bem vê que não heide abusar.

GENERAL.

De certo que não: mas...

(*Chega pelo fundo D. Frederico*).

SCENA XI.

CONDESSA, LUIZA, CARLOTA, GENERAL, D. FREDERICO.

CONDESSA.

Chegou a proposito, D. Frederico.

D. FREDERICO.

(*Comprimentando*) Minhas senhoras!

CONDESSA.

Conduza o general para as salas de jogo.

GENERAL.

(*Áparte*) Irra!

D. FREDERICO.

(*Offerecendo-lhe o braço que o general acceita de má vontade*) Honro-me muito...

GENERAL.

Obedeço. (*áparte*) Juro á fé de quem sou, que me não heide demorar lá muito tempo.

SCENA XII.

CONDESSA, LUIZA, CARLOTA.

CONDESSA.

Santo Deus! Que homem este! Nem a deixa respirar! Já n'este mundo soffre as penas do purgatorio!

CARLOTA.

Não é assim: somos casados, devo conformar-me com o meu destino.

LUIZA.

Tem razão (*áparte*) Pobre menina!

CONDESSA.

Vigiar continuamente uma mulher, sem que ella lhe dê motivo, é uma injuria ao seu caracter.

CARLOTA.

Magoa-me muito o seu genio desconfiado, mas não devo irritar-me: se para a minha felicidade me falta a confiança de meu marido, suppre-a o testemunho da minha consciencia: e perdoo-lhe os infundados ciumes que tem de mim, porque provam, pelo menos, que me dedica um profundo affecto.

LUIZA.

(*Fazendo-lhe caricias*) Bem! muito bem!

CONDESSA.

Admiro tanta virtude, e discrição! Mas ha maridos que tem o defeito contrario, e será difficil a qualquer mulher escolher entre dois extremos.

(*Continuam fallando, áparte*).

SCENA XIII.

CONDESSA, LUIZA, CARLOTA, BARÃO.

BARÃO.

Ainda se me representam aos ouvidos as terribes palavras que ouvi da bocca da condessa!... E merecia eu porventura um desdem tão formal? Não sou eu porventura um homem elegante e espiituoso? não me visto com primor, não me expriimo com propriedade, e não me apresento em toda a parte com distincção? Necessito do amor de outra mulher, para me salvar do desaire, que recebi. Que vejo! É o botão de rosa que vi despontar, pela primeira vez, em casa de D. Luiza! Que corpo! que lindos olhos! E mesmo uma pintura! Vou pedil-a para dançar... Está ao pé d'aquelle monstro de crueldade: ella hade ficar agora entendendo, que não morri de pena! (*chegando-se ao pé de Carlota*) Far-me-ha v. ex.^a a honra de ser meu par?

CARLOTA.

Acceito com muito gosto.

BARÃO.

(*Áparte*) Como sou feliz! (*alto*) Começa agora.

(*Ouve-se a musica*).

CARLOTA.

(*Dando o braço ao barão*) Ah! o meu ramalhetete... (*poisa sobre uma jardineira o ramo de flores que leva*) É melhor deixal-o aqui.

LUIZA.

(*Para a condessa*) Entremos no baile.

CONDESSA.

Vou dançar...

(*Volta D. Frederico*).

LUIZA.

Ah! então! (*para o barão*) Vou na sua companhia.

(*Dá o braço ao barão, e os tres desaparecem pela esquerda*).

Continua.

A villa e praça d'Almeida.

Attribue-se a fundação d'esta villa aos moiros, e segundo os nossos antiquarios chamavam-lhe elles *Talmayda* ou *Talmeida*, d'onde provém por corrupção o seu nome de Almeida.

A palavra *Talmayda*, na opinião d'estes ultimos, significava *mesa*, e era uma allusão ao sitio perfeitamente plano em que a villa fôra edificada n'esta sua primeira fundação. Era este sitio em um campo proximo da actual povoação, para o lado do norte, no valle agora chamado o *Enxido da Carça*.

Posto que aquella etymologia seja seguida por todos os nossos escriptores, fundando-se na opinião do chronista-mór frei Bernardo de Brito, que fundou a sua em uma escriptura antiga que dava á villa o nome de *Talmeida*, parece-nos, apesar de tudo isto, mais provavel, que o nome d'esta villa se derive da palavra *Atmeidan*, que quer dizer *campo ou logar de corrida de cavallos*. A predilecção que os arabes tinham por este divertimento, o assento plano da primitiva povoação, e das suas immedições, podem dar algum fundamento a esta nossa opinião. Como a escriptura a que se refere frei Bernardo de Brito é em latim, (e diz — *Per Villam Turpini Talmeida etc*) não admira, que ali se estropeasse a palavra *Atmeidan*, quando n'aquellas eras se estropearam os proprios vocabulos portuguezes, acontecendo amiude verem-se alguns d'estes escriptos de differente modo por autores contemporaneos.

Conquistada por el-rei D. Fernando Magno, primeiro de Castella; recuperada depois pelos sarracenos; e finalmente outra vez tomada pelo nosso rei D. Sancho I, padeceram taes estragos e devastações n'estas guerras, e nas que ainda se seguiram até á completa expulsão dos moiros do territorio de Portugal, que no reinado de D. Diniz achava-se inteiramente arruinada e despovoada. Foi então que este monarcha resolveu reconstrui-la, ou, diremos melhor, fundal-a de novo no logar aonde ao presente a vemos. Das ruínas da antiga povoação mandou vir el-rei D. Diniz os materiaes tanto para a edificação das casas, como para a fundação do castello, que ahi levantou no logar mais alto.

As continuas dissensões entre Portugal e Hespanha trouxeram a necessidade de se fortificar melhor aquella villa tão proxima da fronteira. Assim pois, guarnecendo-a de muralhas, com cinco reductos, e outros tantos revelins, fossos, caminhos cobertos, esplanadas, quartéis, armazens etc., fizeram d'ella uma das principais praças de guerra de Portugal. O velho castello de S. Diniz, reconstruido por el-rei D. Manuel, e depois ainda melhorado, ficou servindo de cidadella. Damnificou-o muito um raio, que n'elle caiu no seculo passado, mas foi logo reparado.

Depois de constituida em praça d'armas, Almeida tem sido theatro de acontecimentos mais ou menos notaveis em todas as guerras, que o nosso paiz tem tido com a Hespanha e com a França. Não permitindo os limites d'este artigo, que entremos em miudas descrições, referiremos tamsoemente os successos mais principaes, que ahi tiveram logar.

Na guerra entre Hespanha e Portugal, declarada em 15 de Junho de 1762, vindo sobre Almeida uma parte do exercito invasor, sob o commando do conde de O'Reilli, viu-se esta praça forçada a entregar-se por capitulação em 25 de Agosto d'esse mesmo anno. Fazendo-se a paz em 10 de Fevereiro do anno seguinte foi restituída á corôa portugueza.

Na terceira invasão dos francezes, em 1810, o exercito, de que era commandante em chefe o marechal Massena, veio pôr cerco a Almeida em 10 de Agosto, e dezeseite dias depois, tendo sido destruidos por uma grande explosão os armazens da polvora, e parte das obras de defesa, rendeu-se a praça por capitulação. Porém em 10 de Maio de 1811, quando o exercito de Massena ia em retirada, acosado pelas forças alliadas de Portugal e Grã-Bretanha, commandadas pelo duque de Wellington, a guarnição franceza d'Almeida, sem esperar que a fossem atacar, saiu, e escapou-se por entre os alliados, que tomaram posse da praça no dia seguinte.

No triste quadro das nossas luctas civis, foi Almeida o principal theatro da revolução, que tendo principio em Torres Novas, no anno de 1844, foi

acabar alguns mezes depois dentro d'aquella praça, que por essa occasião padeceru um cerco.

Está situada a villa d'Almeida na provincia da Beira, em chão plano, mas alto, distante tres leguas da cidade de Pinhel, seis da cidade da Guarda, e junto á fronteira de Hespanha. Na distancia de um quarto de legua corre o rio Côa, que já ahi leva bom volume d'agua com bastante peixe.

Tem uma só parochia, da invocação de Nossa Senhora das Candêas, fundada dentro do antigo castello, a qual é um bom templo de tres naves. O hospital e casa da misericórdia foram edificados no fim do seculo XVII, concorrendo para esta obra a rainha D. Catharina, filha do nosso rei D. João IV, e viuva do rei d'Inglaterra Carlos II.

Possue esta villa um hospital militar, e casa d'al-fandega; e teve um convento de freiras da terceira ordem de S. Francisco, intitulado *Nossa Senhora do Loreto*, que foi modernamente supprimido. A sua população regula por uns mil e duzentos habitantes, não contando a tropa da guarnição da praça.

Esta terra é abastecida de boas aguas, e farta de optimas fructas e hortaliças, que lhe fornecem as hortas e quintas dos seus arrabaldes. N'estes, a distancia de uma legua existe uma ermida de Nossa Senhora do Mosteiro, que, segundo a tradição, foi egreja de um convento de templarios. D. João II, reedificando-a, poz-lhe o escudo das armas reaes, sobre a cruz d'Áviz, de que era grã-mestre. A reconstrução feita no começo do seculo passado despojou-a de todos, ou de quasi todos os vestigios da sua muita antiguidade.

Por um uso immemorial costumavam ir a camara, o parochio e cleresia da villa e dos logares visinhos em procissão todos os sabbados de Março, o de Ramos, e na segunda-feira de Prazeres, a ermida de Nossa Senhora do Mosteiro, onde faziam festa com sermão. Não sabemos se ainda dura este uso.

O castello, como dissemos, fica na parte mais elevada, dominando não só a villa, mas uma grande extensão de terras. Avistam-se d'ahi os territorios de onze bispados de Portugal e Hespanha. Entre outras povoações portuguezas que d'ali se descobrem, mencionaremos como mais importantes a cidade da Guarda, e as villas de Castello-Rodrigo, Castello-Bom, e Trancoso.

A meia legua da villa, e junto ao rio Côa, ha uma fonte d'aguas sulfureas, chamada a *Fonte Santa*, á qual concorrem com proveito muitos enfermos d'aquellas visinhanças.

Nas modernas tabellas dos mercados e feiras, que ha no reino, não vemos figurar Almeida; entretanto achamos noticias de que ainda não ha muitos annos tinha um mercado bem provido nos primeiros domingos de cada mez, e uma feira de tres dias em 14 de Setembro, que anteriormente se fazia em Maio.

As armas d'Almeida são—um escudo com as armas reaes, sendo a corôa d'estas aberta, ao uso antigo, e ao lado a esphera armillar, divisa d'el-rei D. Manuel, que foi quem lhe deu este brasão.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Banhos.

O exemplo dos selvagens nos prova que o uso dos banhos precedeu o da civilisação. Quando os homens, reunidos em numerosa sociedade conheceram os seus salutareos effeitos, naturalmente buscaram meios de os ter nas proprias cidades; e d'ahi a origem dos banhos particulares e publicos.

Os orientaes foram os primeiros que construíram edificios para uso de banhos. Os gregos não se demoraram em seguir-lhes o exemplo, e consagraram os seus thermos ao deus Hercules. A Grecia já no tempo de Homero conhecia os banhos quentes, como se vê em varias passagens da *Odyssea*. Eram ordinariamente situados junto aos gymnasios ou palestras, porque saindo-se d'aquelles exercicios tomava-se o banho.

Segundo Plinio só estiveram em uso, entre os romanos, no tempo de Pompeo. Dion, na *Vida de Augusto*, diz que Mecenas fez edificar os primeiros banhos publicos; mas Agrippa, no anno do seu ediliado fez construir cento e setenta. Desde então, quasi todos os imperadores os fizeram edificar com excellentes marmores, seguindo todos os preceitos da architectura, com estufas e tanques

onde se banhavam conjuntamente com o povo. Diz-se que em todos os bairros de Roma havia oitocentos d'estes edificios.

Foram os romanos que introduziram no sul da Europa o uso dos banhos. Gregorio de Tours diz que no seu tempo havia grande numero d'elles. Ainda se vêem em Paris restos dos banhos do imperador Juliano no palacio de Thermes, hoje hotel Cluny.

Os arabes e os turcos são os povos modernos que consagraram o uso mais habitual dos banhos, pratica que se deve attribuir tanto á sua religião, como ao calor do clima. Os turcos saindo do banho quente, entram ordinariamente no *sudatorium*, ou estufa, quarto muito pequeno, aquecido por tubos caloríferos por baixo do pavimento, e nas paredes do edificio. E' no *sudatorium* que os escravos massam os banhistas, operação que consiste n'uma extensão violenta das articulações, seguida d'uma fricção geral com escovas macias, e luvas de flanela, depois do que os banhistas se ungem com espiritos e essencias odoríferas.

Foi no meado do seculo XVIII que se construiu em Paris o primeiro estabelecimento de banhos, em uma barca, junto ao caes d'Orsay. D'aqui veio para Portugal o uso dos banhos em barcas no nosso Tejo. Só annos depois d'aquella instituição é que em França se adoptaram os banhos portateis.

Os banhos são destinados a desembaraçar a pelle das manchas causadas pela exhalação cutanea, ou pelos corpos estranhos que lhe adherem. A parte aquosa da exhalação cutanea desaparece pela evaporação, e fica adherente á pelle um residuo de saes e d'uma materia animal que contém productos morbificos, quando o individuo está doente.

Nota-se que a pessoa emergida n'um banho a trinta e dois ou trinta e tres graus, nada ganha, nem perde no seu peso; ha equilibrio entre a exhalação, e a absorpção; pelo contrario, acima de trinta e tres graus, perde de peso, porque a exhalação é mais forte em consequencia dos liquidos impellidos para a periferia; e abaixo de trinta e tres graus, augmenta de peso, porque a absorpção da agua é maior, em consequencia do movimento de concentração dos liquidos para o interior. Estas tres divisões servirão de base para distinguir os banhos tepidos, quentes, e frios.

Em trinta e dois ou trinta e tres graus, a agua só faz sentir mais a sensação do calor do que a do frio; é o banho tepido, o banho calmante por excellencia, o que convem ás creanças, ás mulheres, aos velhos, ás pessoas nervosas, e aos convalescentes, e se deve preferir no outono, no inverno, e na primavera. Um banho todos os quinze dias no inverno, e todos os oito na primavera e no outono, é sufficiente para os adultos, e para o estado de saude.

Acima de trinta e dois, ou trinta e tres graus, os banhos são considerados como quentes. Se o calor não é mui consideravel, a pelle principia primeiro a aquecer-se, o pulso torna-se forte e accelerado, e a respiração precipitada; ha augmento de exhalação pulmonar e cutanea. Ha inconveniente em permanecer muito tempo n'um banho quente, porque pode occasionar hemorragias, congestões etc.

Abaixo de trinta e dois ou trinta e tres graus, os banhos são frios. Estes banhos, tomados convenientemente, tem por effeito acalmar o calor geral, diminuir a transpiração, e dar tom ao organismo. Para obter mais seguramente estes resultados, é bom juntar-lhe o exercicio da natação.

Em Lisboa estamos desprovidos de convenientes estabelecimentos de banhos nas epochas do inverno e primavera, que no verão e outono nolos offerece abundantemente o nosso Tejo. Afora o do hospital de Rilhalfolles, que está perfeitamente montado com todas as commodidades possiveis, e o particular do senhor doutor Nilo, que tem feito quanto d'elle depende para os offerecer commodamente ao publico, não nos consta que haja mais nenhum; quando pelo contrario no Porto, nos affirmam, que estes estabelecimentos se tem propagado vantajosamente.